

# PARINTINS E SEUS MISTÉRIOS

UMA AVENTURA IAN

**POR:** Erivelton Albuquerque  
& Suzana Araujo

**ILUSTRAÇÃO:** Mathias Bernard

**Parintins e seus  
mistérios – Uma  
aventura Ian**

**GOVERNO DO ESTADO DO  
AMAZONAS**

Wilson Lima

**SECRETÁRIO DE ESTADO DE  
DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO, CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO  
(Sedecti)**

Serafim Corrêa

**DIRETORIA PRESIDENTE DA  
FAPEAM**

Márcia Perales Mendes Silva

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
AMAZONAS**

**REITOR**

André Luiz Nunes Zogahib

**VICE-REITOR**

Kátia do Nascimento Couceiro Nogueira  
Horstmann

***editora*UEA**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira  
Horstmann

**Diretora**

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro  
de Freitas

**Gerente**

Wesley Sá

**Editor Executivo**

Raquel Maciel

**Produtora Editorial**

Isolda Prado de Negreiros  
Nogueira Horstmann (Presidente)  
Adriana Távora de  
Albuquerque Taveira  
Carlos Mauricio Seródio  
Figueiredo  
Gislaine Regina Pozzetti  
Josefina Diosdada Barrera Khalil  
Katell Uguen  
Orlem Pinheiro de Lima  
Silvia Regina Sampaio Freitas  
Vanúbia Araújo Laulate Moncayo  
**Conselho Editorial**

**Esta obra foi financiada pela  
Fundação de Amparo à Pesquisa  
do Estado do Amazonas  
(FAPEAM)**

**História e personagens desta revista  
são de propriedade da equipe  
CIENCIAND. É proibido a reprodução  
total e parcial sem a devida citação  
bibliográfica.**

**AUTORES**

Erivelton Santiago de Albuquerque Jr  
Cleusa Suzana Oliveira de Araujo

Hillary Vieira

**REVISÃO**

Mathias Bernard Lira de Almeida

**ILUSTRAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO**

### Ficha catalográfica

A345p  
2024 Albuquerque Júnior, Erivelton Santiago de  
Parintins e seus mistérios-uma aventura lan / Erivelton Santiago de  
Albuquerque Júnior, Cleusa Suzana Oliveira de Araújo  
-1.ed.– Manaus (AM): editora UEA,2024  
62 p.: il., color; 21 cm [E-book]  
Formato PDF

ISBN 978-85-7883-706-8

1.Parintins. 2. Mistérios-Folclore .3. Meio ambiente.4.Povos e  
lendas I. Araújo, Cleusa Suzana Oliveira de.II. Título

CDU 1997 –82(=1-82):504.05

*Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota/CRB11/484*

# **Parintins e seus mistérios – Uma aventura Ian**

Erivelton Santiago de Albuquerque Jr  
Cleusa Suzana Oliveira de Araujo  
**Autores**

# **Parintins terra da magia**

## **Capítulo 1**

Mesmo sem entender, Ian continuou andando. Sentia uma brisa fria e suave nos seus cabelos. Olhou para os lados e tudo o que podia observar era a mata fechada de um lado e o grande rio do outro. A margem da praia era muito pequena, mesmo assim, continuou andando. Seus pés estavam descalços e suas roupas não molhavam. Abaixou-se para ver melhor, não havia nada na água. Pôde observar através da película da água, que separa os dois mundos, via a areia fina e branca em baixo dos seus pés. A água tocava os seus tornozelos, mas não havia nenhuma piaba ou qualquer tipo de peixe, achou estanho. Não se lembrava de como tinha chegado ali. Um mundo frio, com poucas nuvens, copas das árvores balançavam suaves, o vento fazia sua melodia e o rio sem banzeiro. Tudo estava muito calmo, nunca sentiu tanta paz e arrepio ao mesmo tempo, sabia que estava sendo observado.

Decidiu seguir sua caminhada. Lembrava de algo perigoso próximo dos rios, mas não recordava dos detalhes, pensou que seria muito melhor não ficar ali. Achou estranho que mesmo após algum tempo, o sol permanecia no mesmo lugar. O ambiente não mudava. Pensou consigo mesmo: “eu moro em Manaus, aqui a mata é tropical. Por que está frio? Tu é doido é?! Tem algo errado”. Aproximou-se da mata e, ao ver uma árvore baixa, puxou um galho e retirou um pouco das folhas grandes. Sentiu um frio na nuca, pois sabia que estava sendo observado, ainda não havia passado tanto tempo que estava ali. Continuou andando e usou as folhas para fazer

um brinquedo antigo. Trançava as folhas na horizontal, usando uma através da outra, como se fosse uma trança de cabelo, mas muito reforçado. O intuito do brinquedo era travar os dedos indicadores da mão. Achava o nome tosco, mas “armadilha de dedos” era um sucesso, fez o melhor que pôde. Ao ver sua obra prima, criou coragem para se aproximar novamente da mata, seus passos quebravam a tranquilidade da água. Ao aproximar-se das árvores, tentou olhar bem para dentro da mata, jogou o brinquedo no chão e sem muita firmeza disse: “toma Curupira, pegue esse brinquedo e me deixa ir”. Antes que tudo fizesse sentido, todos os cabelos de seu corpo se arrepiaram ao ouvir uma risada, não da direção da mata, mas do rio. Em menos de um segundo, alguém toca em seu ombro. Ao virar o rosto, seus olhos se dilatam e eles enxergam a face de um menino com olhos negros e lupinos. Correu, com todas as suas forças, tudo o que pode ouvir era “IANNNN”.



## Capítulo 2

Com o susto, Ian achou que estava chutando o ar. Chutou a cadeira da frente, todos riram. Quando se acalmou, viu que estava dentro da sala de aula, todo suado, mesmo com o ar-condicionado ligado, o verão em Manaus não é fácil. Era hora da merenda, sabia que Hugo e Enio estavam sendo mega simpáticos com a tia da merenda, sempre diziam que era Deus no Céu e a tia na Terra. Tudo o que importava era uma cuia de mingau a mais, dona Eliana já os conhecia bem, merendeira há muitos anos, sempre teve os seus favoritos, Hugo e Enio eram dois desses.

**Eliana:** Vão com calma, muito cheios assim, não vão conseguir correr pra pegar o ônibus depois.

**Hugo:** Dona Eliana, nunca comi um mingau tão bom, suas mãos são divinas.

Enio gesticula, concordando euforicamente.

**Eliana:** Sei... Vocês são muito é gaiatinhos. Ano passado, na festa junina, o Junior do 8º A comeu tanto que o meu marido chamou ele de Majin Boo.

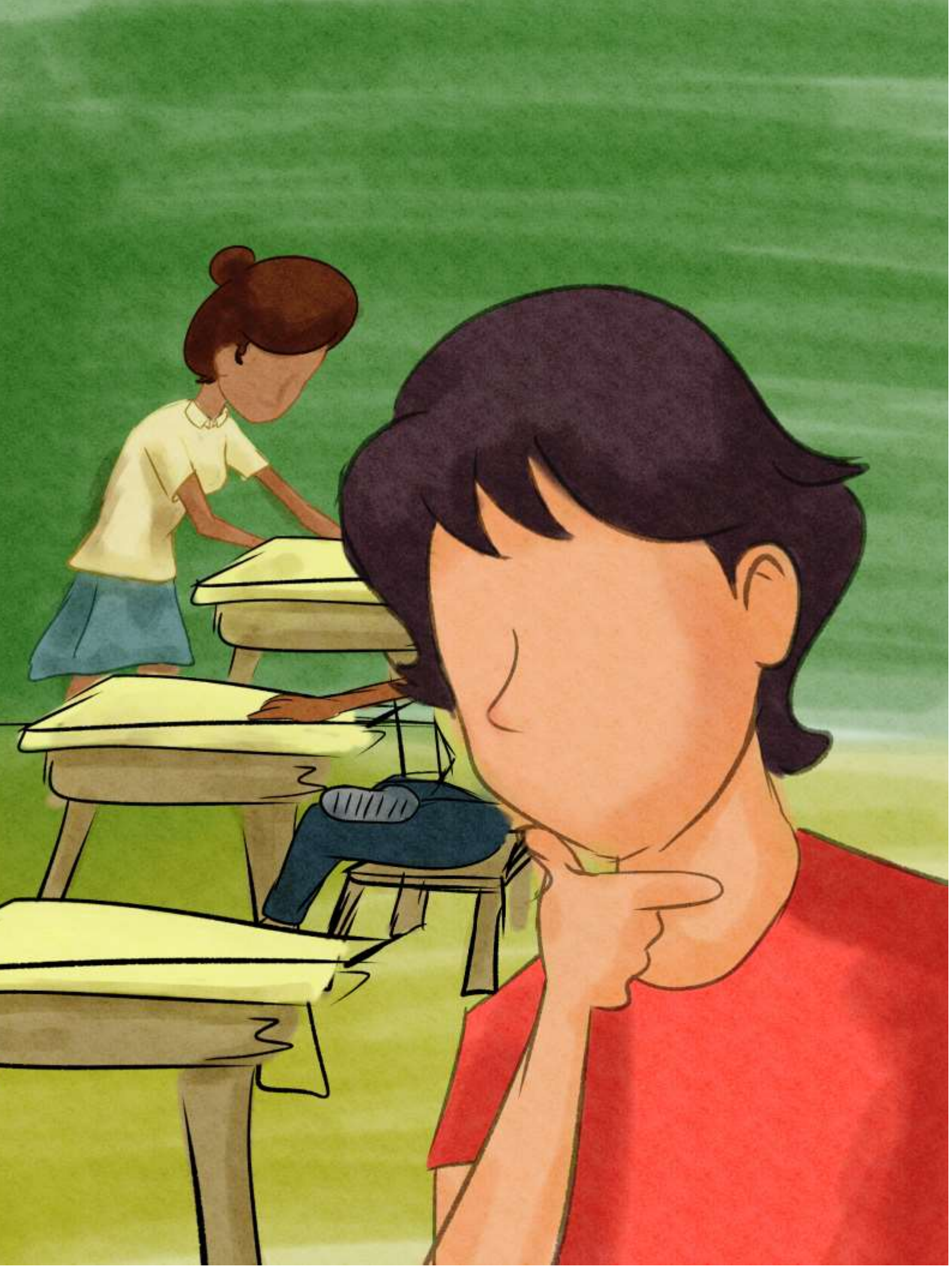
**Náia:** Então é daí que vem o apelido dele?

**Hugo:** ME MATA LOGO! Tu chega assim de fininho em um momento sagrado desses, quase derramei esse manjar de mingau.

**Náia:** Oxi, não sei por quê! Tá com as pernas fracas é? Ou é o coração? Hahahaha.

Enio gesticula o porquê de Náia estar rindo. Hugo gesticula para o amigo que descobriram o porquê do Junior do 8º ano A se vangloriar de ser o verdadeiro Majin Boo, e que Náia era muito gaiata.





**Hugo:** Ei, vai com calma, amigo, ainda tem mais mingau pra nós dois. – E olhou maliciosamente para dona Eliana.

**Eliana:** Maninhos, vão logo, eu tenho muito o que fazer e a campinha vai já bater.

Ao voltarem para a sala de aula, Náia estava muito feliz, era aula da professora Suzana, sua professora favorita. Sempre dizia para todos que o seu futuro era ser bióloga que nem a professora, queria ser linda que nem ela e, principalmente, ser sabida que nem ela. Ria sozinha, todos já sabiam o que era. Ao chegarem, a professora Su já estava escrevendo na lousa. Náia deu um olhar fulminante para os meninos, que sorriram e demonstraram entender. Náia não se atrasava, ainda mais nas aulas da prof Su.

**Prof Su:** Muito bem meninos e senhorita Náia, que bom que decidiram se juntar a nós.

**Náia:** Desculpe, professora. Eu fui buscar esses dois gatinhos, senão eles não largavam a dona Eliana.

**Hugo:** O que eu posso fazer se a tia cozinha divinamente?

### Capítulo 3

Toda a turma riu, apesar de ser uma observação fora de hora, todos sabiam que era verdade.

**Prof Su:** Pois bem, sentem-se! Turma, quem pode me dizer o que define animais e insetos peçonhentos?

**Náia:** Que produzem a própria peçonha e que são capazes de injetar ela, em presas ou por meio de defesa.

**Prof Su:** Muito bem. Há alguma característica visível?

**Bruna:** Sim, todas as vezes que fomos passear de barco ou fazer trilha, meu pai dizia para não chegarmos perto de animais coloridos.

**Prof Su:** Muito bem! Não é uma regra, mas animais e insetos com colorações fortes podem ser sim peçonhentos. As cores servem para dizer “ei, estou aqui, não mexa comigo”.

**Náia:** Sim, temos até uma cobra-coral, que é muito linda.

**Prof Su:** Focando nas serpentes, quais cobras vocês conhecem que possuem veneno dentro do nosso habitat amazônico?

**Victor:** Pico-de-jaca e coral.

**Prof Su:** Muito bem! Aqui no nosso interior o povo realmente chama as surucucus de pico-de-jaca, é um nome regional. São muito conhecidas aqui nas américas e são as cobras mais peçonhentas que temos. Outro fator importante é as famílias que elas pertencem. Na Amazônia brasileira, existem dois grupos de cobras peçonhentas, ou como eu disse, família. Em primeiro lugar e muito importante são as cobras que usamos os seus venenos para pesquisas médicas, essas

são as *Viperidae*, a jararaca, a surucucu e a cascavel, e em segundo são os Elapídeos, cobras como corais-verdadeiras. Alguém sabe me dizer qual a diferença dos venenos dessas cobras?

**Hugo:** Professora, eu sei, mas não me lembro.

**Náia:** Algumas cobras como as surucucus apresentam um veneno protitica, que causa inflamações, já as cobras como a coral-verdadeira têm o veneno tóxico, que pode fazer a pessoa não respirar direito.

**Hugo:** Como você sabe de tudo isso?

**Náia:** Eu gosto de biologia, não só de matemática como você e o Enio.

**Prof Su:** Isso mesmo, Náia, mas não é veneno protitico, ele é proteolítico, podendo gerar até necroso no local. Já a cobra coral-verdadeira, você está correta, a sua peçonha é tóxica, podendo levar a pessoa à insuficiência cardíaca. Qual a diferença da cobra coral-verdadeira e a não verdadeira?

**Valentina:** A verdadeira tem os anéis completos e a falsa não, na cabeça da coral-verdadeira os anéis têm as cores, branco, vermelho e preto e na falsa só há os anéis pretos.

**Prof Su:** MUITO BEM! Tô vendo que estão todos afiados, eu gosto assim, turma participativa. Esse ano faremos mais uma pesquisa em campo, vou dividir as equipes para que possamos ver como serão as atividades.

**Victor:** Professora Su.

**Prof Su:** Sim?

**Victor:** Meu pai serviu no exército. Ele sempre me disse que na mata quando não sabemos que fruta comer, podemos seguir a regra dos 3, a fruta pode ser espinhosa, leitosa e

brilhante, dessas três características, se tiver mais de duas, não podemos comer, faz mal.

**Prof Su:** Olha, muito legal.

**Náia:** Eu li que também podemos observar a fruta que os macacos comem.

**Prof Su:** Sim, tudo isso é ensino formal e informal, já estudamos isso. Façam as equipes.



Espinosas



Leitosas

Peludan



## Capítulo 4

**Prof Su:** Todos os anos, no dia 5 de junho, é celebrado o dia do meio ambiente. Esse ano tivemos o “projeto Amazon celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente”, com a campanha de restauração ecológica. A campanha tem como alvo áreas afetadas por incêndios e degradação ambiental. Então, esse ano vamos aproveitar e conhecer Parintins, estudar sobre o festival, projetos que são produzidos na Ilha Tupinambarana e seus meios de sustento.

**Hugo:** Legal. Vamos aproveitar para ficarmos na casa dos meus tios, podemos conhecer o festival.

**Ian:** Tenho que ver se a minha mãe vai deixar eu ir.

**Náia:** Vai sim, a tia é gente boa. E outra, tá comigo, tá com Deus.

**Ian:** E como vamos para essa ilha?

**Náia:** Você tem falado com Naurú e Angatu?

**Ian:** Sim, sempre que voltam para a aldeia, mandam mensagem.

**Náia:** Tai! Mais uma chance da gente se reencontrar, eles com certeza vão para o festival.

Enio gesticula - “Esse ano poderíamos ir de avião, os barcos são super legais e bem mais regionais, porém, vão muito cheios, não vamos conseguir descansar”.

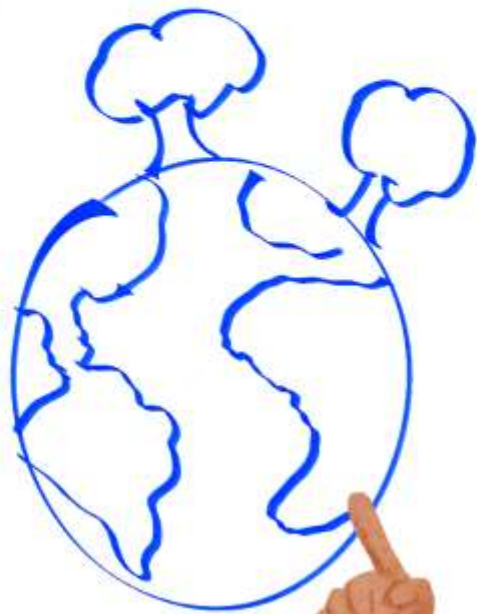
**Ian:** AVIÃÃÃÃÃO?!?!?!?

**Náia:** Sim, maninho!? Vai ficar gritando no meu ouvido? Qual o problema?

**Ian:** Nunca andei de avião, tenho medo da altura.

05 de junho

Meio  
Ambiente



**Hugo:** Tá tudo bem, mano. Vamos estar juntos. O bom é que podemos aproveitar mais a cidade.

**Ian:** Tudo bem, vou falar com a minha mãe.

**Náia:** E avisa Naurú e o Angatu, eles ficaram de me trazer babosa para hidratar o meu cabelo.

**Ian:** Eu também quero! =D

Na manhã seguinte, Ian tomava café com os pais e tentava mostrar como o festival era importante para a cultura local e para o sustento de muitas famílias. Seus pais adoravam as aulas da professora Su, sabiam que quase nenhuma escola incentivava esse tipo de pesquisa local e a importância do conhecimento fora da sala de aula. Concordaram com a viagem, sabiam o quão esforçado era o filho e que sempre era importante essa interação com os amigos. Ligaram para o tio do Hugo para acertar os detalhes. Ian, como era de se esperar, já entrou em contato com os amigos indígenas para que se encontrassem em Parintins.



## Capítulo 5

Através do vidro, Ian podia observar gotas d'água deslizarem sem parar. Era um misto de emoções, do lado de fora, uma garoa caía pálida sobre a floresta amazônica, o avião em que estava deslizava suavemente sobre a mata em um céu chuvoso. Com as luzes apagadas, seus olhos dilatavam e às vezes podia ver seu próprio reflexo na janela do avião. Em um momento podia se desligar do mundo exterior. Olhando as gotas caírem, sua imaginação voava por todas as aventuras que o levaram até ali, sabia que estava tudo bem, mas como era sua primeira vez em um avião, seu estômago ainda dizia o contrário. Tudo era novo, a sensação de voar, poder enxergar a grandiosa floresta, apesar da chuva, podia ver os caminhos das águas, lembrou de Naurú lhe contando que a grande serpente marrom, ao se mover sobre a terra, seus caminhos se tornaram os leitos dos rios. Sorria. Não sabia se podia acreditar que havia uma cobra tão grande, mas que os caminhos dos rios pareciam movimentos de serpentinas, pareciam.

Olhou para o lado e pôde ver seus amigos dormindo e seu coração sorriu, sua alma se alegrava por ter achando bons amigos. Em todas as aventuras seus amigos Enio, Hugo e Náia estavam juntos com ele, hoje entendia bem o termo “panelinha”, professora Su já sabia disso e em todas as atividades extra sala de aula, juntava a equipe dos amigos. Ian, apesar de estar um pouco nervoso pelo primeiro voo, se deixou levar pelo suave som da aeronave cortando caminho através da chuva e adormeceu.





## Capítulo 6

Em um vislumbre, Ian estava no leito do rio, em pé, com os pés sob a água, lhe era familiar, as águas eram frias e escuras, lhe veio à mente Rio Negro. A praia não era tão grande, mas as árvores ao redor eram enormes. Olhou para os lados e não enxergava mais que a imensidão do verde e negro, em um contraste com o céu azul e límpido. O vento soprava em seu rosto, Ian observava o dançar das nuvens refletidas sobre o calmo movimento das águas. Por um instante, se preocupou como o sol estava a pino, deduziu que eram 12h e lembrou das aulas da professora Su. Predadores como onças pintadas bebem água no leito do rio e geralmente é por esse horário, então saiu andando o mais rápido que pôde pelo leito do rio, imaginou que se realmente estivesse no Amazonas, os cursos das águas sempre mantiveram a vida ribeirinha, pelo fator histórico e principalmente pela pesca, estava agradecido por sempre prestar atenção nas aulas da prof Su. Sorriu e pensou consigo mesmo: “que mulher inteligente. A Náia está certa em querer ser como ela”. Neste instante, Ian se questionou: “onde estão meus amigos?” Olhou ao redor e viu a imensidão da floresta e o rio aos seus pés, achou estranho, mas continuou. Tinha um objetivo: “vou encontrar uma comunidade e pedir ajuda”.

Mesmo sem entender, Ian continuou andando. Sentia uma brisa fria e suave nos seus cabelos. Olhou para os lados e tudo o que podia observar era a mata fechada de um lado e o grande rio do outro. A margem da praia era muito pequena, mesmo assim, continuou andando. Seus pés estavam descalços e suas roupas não molhavam. Abaixou-se para ver melhor, não havia nada na água. Pôde observar através da película da água, que separa os dois mundos, via a areia fina e branca em baixo dos seus pés. A água tocava os seus tornozelos, mas não havia nenhuma piaba ou qualquer tipo

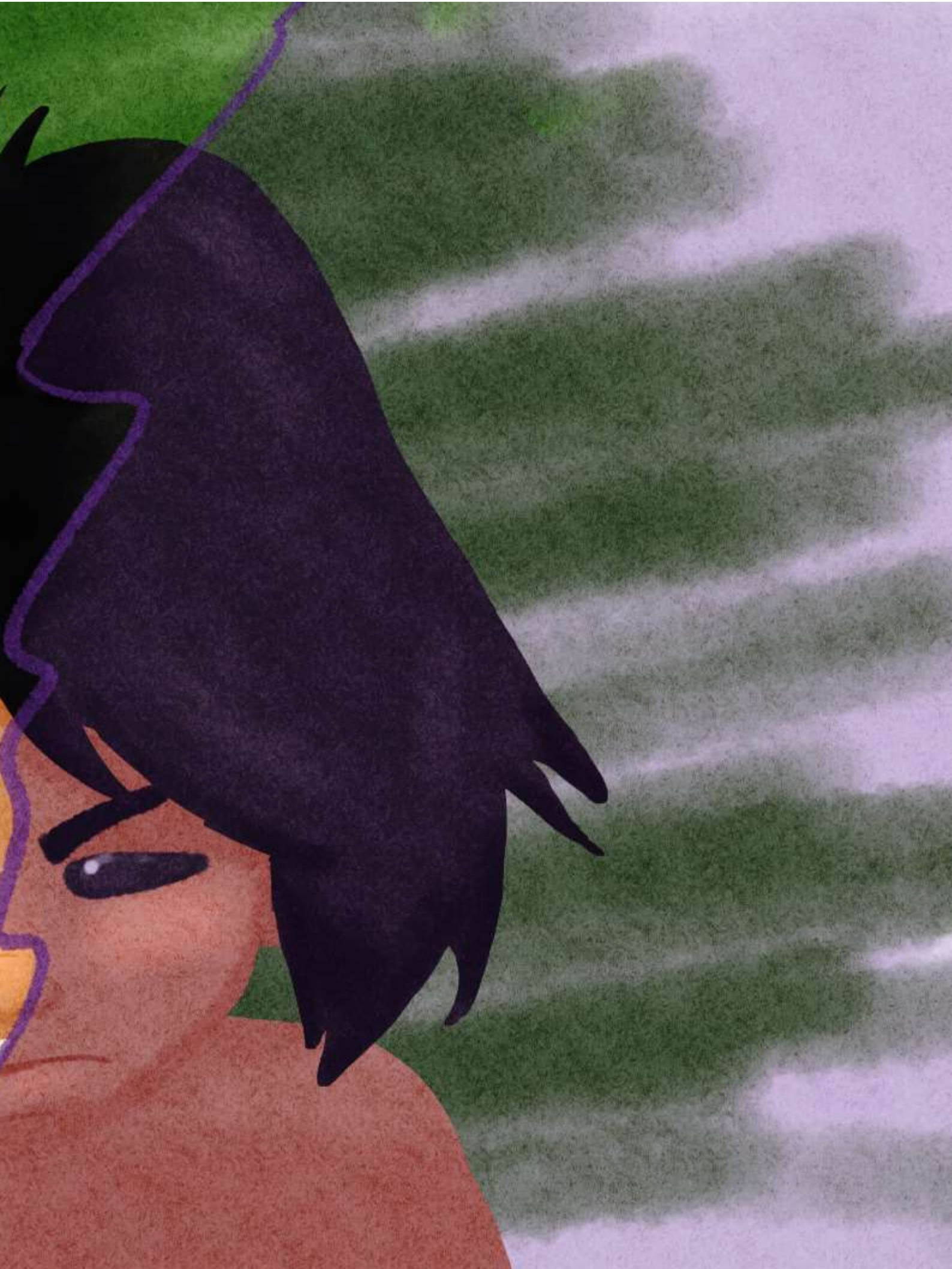
de peixe, achou estanho. Não se lembrava de como tinha chegado ali, um mundo frio, com poucas nuvens, copas das árvores balançavam suaves, o vento fazia sua melodia e o rio sem banzeiro. Tudo estava muito calmo, nunca sentiu tanta paz e arrepio ao mesmo tempo, sabia que estava sendo observado.

Decidiu seguir sua caminhada. Lembrava de algo perigoso próximo dos rios, mas não recordava dos detalhes, pensou que seria muito melhor não ficar ali. Achou estranho que mesmo após algum tempo, o sol permanecia no mesmo lugar. O ambiente não mudava. Pensou consigo mesmo: “eu moro em Manaus, aqui a mata é tropical. Por que está frio? Tu é doido é?! Tem algo errado”. Aproximou-se da mata e ao ver uma árvore baixa, puxou um galho e retirou um pouco das folhas grandes. Sentiu um frio na nuca, pois sabia que estava sendo observado, ainda não havia passado tanto tempo que estava ali. Continuou andando e usou as folhas para fazer um brinquedo antigo. Trançava as folhas na horizontal, usando uma através da outra, como se fosse uma trança de cabelo, mas muito reforçado. O intuito do brinquedo era travar os dedos indicadores da mão. Achava o nome tosco, mas “armadilha de dedos” era um sucesso, fez o melhor que pôde. Ao ver sua obra-prima, criou coragem para se aproximar novamente da mata. Seus passos quebravam a tranquilidade da água. Ao aproximar-se das árvores, tentou olhar bem para dentro da mata, jogou o brinquedo no chão e sem muita firmeza disse: “toma Curupira, pegue esse brinquedo e me deixa ir”. Antes que tudo fizesse sentido, todos os cabelos de seu corpo se arrepiaram ao ouvir uma risada, não da direção da mata, mas do rio. Em menos de um segundo, alguém toca em seu ombro. Ao virar o rosto, seus olhos se dilatam e eles enxergam a face de um menino com olhos negros e lupinos. Correu, com todas as suas forças, tudo o que pôde ouvir era “IANNNN”... Naurú estava ali

sorrindo maliciosamente, Ian conhecia bem aquele sorriso. Quando menos esperava, ao olhar para o rio, uma cobra enorme estava sob a água. Seus olhos amarelos como o ouro tinham bordas vermelhas e sua pupila estava fina. Ian podia sentir que a cobra enxergava a sua alma, mesmo estando nervoso perto de algo tão grandioso, sentiu-se aliviado por ter encontrado seu amigo.







## Capítulo 7

**Naurú:** Há quanto tempo!! Achei que não viria me visitar.

**Ian:** Naurú, onde estou?

**Naurú:** Para o meu povo, os sonhos têm significado, sempre há algo para ouvir e aprender. Você está no Amarú Mayú.

**Ian:** É o que?

**Naurú:** É o nome que o meu povo Apurinã dá ao rio Amazonas.

**Ian:** Que massa, o que significa?

**Naurú:** O rastro da cobra gigante originou o rio Amazonas, já lhe contei essa história.

**Ian:** Maaaaaaaano, eu estava indo para Parintins. Íamos nos ver lá, não sei como vim parar aqui. E onde tu achou essa cobra gigante?

**Naurú:** Cobra gigante??? Hashahsahs, amigo, este é um dos deuses da terra. A cobra marrom é soberana, senhor das águas e de tudo que a rodeia, nos leva onde precisamos. Venha, vou levar você até onde estão os outros.

**Ian:** Como assim?

**Naurú:** Ora, ora, meu amigo tem medo de altura?

**Ian:** Não te esperou... É claro que tenho.

**Naurú:** Para coisas extraordinárias é preciso ter fé. Me dê a mão, feche os olhos e venha comigo.

Ian sabia que estava indo em direção à grande cobra, mas não abriu os olhos e confiou no amigo. Sentiu o vibrar das

águas em cada respiração da grande serpente, achou estranho, mas estavam caminhando sobre as águas. Lembrava que momentos atrás seus pés estavam sob as águas, mas ao confiar em Naurú, pôde se aproximar do grande animal e sentiu o quanto era macio. Criou coragem, abriu os olhos e tocou nas escamas. Eram suaves, suas cores mudavam com a luz do sol. Ao vai e vem das nuvens, a luz do sol refletia na sua pele de forma diferente, Ian estava maravilhado, quando olhou para cima, Naurú lhe estendia a mão, para lhe ajudar a subir.

Ian estava incrédulo, como tudo aquilo era possível? À frente estava Naurú sorrindo e gritando: “aproveite, vai durar pouco!” Ao serpentear pelas águas, a grande cobra marrom dançava. Ian sentia o vento em seu rosto. Em uma explosão de alegria, soltou um grito de alegria “iaaarrrou”. Ao perceber que Naurú ria de tudo aquilo, observou bem e ao olhar para trás, via que a cauda da serpente tocava o leito dos rios que iam mudando, Ian observou que, com a mudança, animais surgiam, como lobos-guarás, jacarés, veados, entre outros. Pôde perceber que ao mudar o leito do rio, os animais se aproximavam para beber água e reverenciavam a grande serpente. Naurú com olhos quase que lupinos olhando os de Ian, sorria. Sabia que era difícil para alguém da cidade acreditar em todo o poder da floresta, mas acreditava que Ian era alguém especial. Apontou para um ponto no horizonte, Parintins era bela aos olhos. Naurú logo disse...

**Naurú:** Seu destino, meu amigo.

**Ian:** Eles não vão se assustar?





**Naurú:** Parintins é uma terra mágica, seu povo conhece bem lendas de Honorato e Boiuna, entre outros mitos, não se preocupe. O meu povo é muito antigo nessas terras.

**Ian:** Seu povo?

**Naurú:** Sim, meu amigo, o povo indígena. Aqui moravam os Muras, Mundurucus e os Parintintins, por isso a ilha se chama Parintins.

Ao redor da ilha não havia terra, a grande cobra se movimentou muito mais rápido no vazio do rio. Seu leito era largo, pôde deslizar com facilidade sobre as águas. Ian sorriu, sentiu um forte frio na barriga e pressão nos ouvidos. Fechou os olhos e ouviu distante: “IAAAAAN... IAAAAN...”. Ao abrir os olhos, era Náia, estava de volta ao avião. Pôde ver os lábios pintados de rosa da amiga ao se mexerem. “Ponham o cinto, estamos descendo para aterrissar”.

Achou estranho sonhar duas vezes o mesmo sonho, mas desta vez foi diferente, mais rico em detalhes. Olhou pela janela, viu as luzes ao horizonte, as árvores se aproximando. Sentiu o frio na barriga e pensou em tudo o que tinha visto, achava estranho, pois parecia que já tinha estado ali, e tinha, em seus sonhos, com Naurú. Sorriu, como nas outras viagens, sabia que era um sonho, mas que cada vez mais estava conectado com o mundo. Abriu os olhos, olhou para a direita, viu seus amigos e sabia, no fundo de sua alma, que essa seria uma aventura incrível.

## Capítulo 8

Ao descerem do avião, Ian se ajoelha e fica grato por estar em terra firme. Seus amigos riem, eufóricos por terem chegado. Náia como sempre já passou pela fiscalização e está acenando para os outros.

**Enio:** Sorri e gesticula “Está tudo bem, Ian? A viagem foi tranquila?”

Ian gesticula – “Sim, obrigado por me deixar ir na janela, pude ver boa parte do trajeto. Também sonhei com Naurú.”.

**Náia:** Naurú? E como foi?

**Hugo:** “AAAAAAA” (bocejo), queria ter dormido mais... Como foi o sonho?

**Ian:** Sonhei que ele estava montado em uma grande cobra marrom.

**Náia:** Uma Titanoboa?

**Hugo:** Uma o que?

**Náia:** Uma cobra super grande que viveu na América do Sul há muito tempo.

**Ian:** Que incrível! Como sabe de tudo isso?

**Náia:** EU SOU INTELIGENTE, eu digo para vocês estudarem mais! Não me ouvem, dá nisso. HUMMMM.

**Ian:** Hehehehe. Tomara que Naurú e Angatu já tenham chegado.

**Náia:** SIIIIIIIM, maninhos, vão demorar mais? Bora que eu estou com fome e quero ir logo tirar o meu passaporte!





Enio gesticula - “passaporte?”.

Hugo, sorridente, gesticula para o amigo. - “Sim, como estamos no período do festival, nós vamos na praça da catedral de Nossa Senhora do Carmo e lá tem o Turistódromo. Aí vamos participando do circuito onde vamos pegando carimbos no passaporte e no final ganhamos alguns prêmios do festival, é bem divertido.”

Abismado, Enio gesticula mais rápido e pergunta: “Como você sabe de tudo isso?”.

**Náia:** SIIIIIIIIIM! Vocês querem convite? BORA LOGO!

Hugo sorri e gesticula. - “Quando chegarmos na casa do meu tio eu explico”.

## Capítulo 9

Os amigos pegaram as malas e, ao saírem da área de desembarque, encontram Náia conversando com o tio do Hugo. O Sr. Juan era um homem forte com olhar sereno e um semblante amável. Recebeu todos com um abraço apertado e disse para se apressarem, Megara os estavam esperando.

**Ian:** Hugo, seu tio tem sotaque! De onde ele é?

**Hugo:** Meu tio é venezuelano, mas já mora aqui há um tempinho.

**Náia:** Aí, seu Juan, conta pra nós a sua história de amor, sempre fico feliz ao ouvir, parece um conto de fadas.

**Juan:** AAAAAH! Hehehe, ok. Não pude me apresentar direito, mas sou Juan Carmo, sou de Caracas, Venezuela. Estava estudando geografia e fui a um congresso em Manaus que explicava a cultura e o aproveitamento de terras na Amazônia pela comunidade nipônica e o seu cultivo de juta, quando de repente, ao procurar informações do evento, conheci a bióloga mais linda desse mundo, me apaixonei na hora.

**Náia:** Foi um *Imprinting*.

**Juan:** Imprin o que?

**Hugo:** Nada não tio, essa menina acha que todos temos que ler as histórias de amor de uma humana com um vampiro.

**Náia:** Crepúsculo é cultura. Dá licença se tu não gosta, o mundo gosta, e o Edward é lindo. \*-\*

**Juan:** Heheheh, ok. Pode se dizer que sim, tive um imprinting com ela. Me mudei de imediato para Manaus, terminei os

meus estudos, nos casamos e viemos morar em Parintins, passei no concurso da UEA em 2004. Já se passaram 30 anos que estamos juntos, saí da Venezuela quando tinha 19 anos e aqui estou, só nessa terra magica estou há 20 anos.

**Ian:** E quem é Megara?

**Náia:** E a tia dele, seu panga.

**Juan:** Megara é o meu imping.

**Náia:** *IMPRINTING!* Aff, vocês não manjam como eu. Sim, vamos indo que eu tô com fome.

**Juan:** Que bom que estão com fome, Meg já deve ter feito umas crueiras para comermos e com certeza tem café quente.

Enio estava entretido olhando o horizonte. A cidade estava viva, toda pintada e cheia de bandeiras na cor azul e vermelho, Juan o olhava pelo retrovisor do carro. Comentou com Hugo que estava sentado no banco da frente...

**Juan:** Hugo, está tudo bem com o seu amigo? Ele pouco conversou.

**Hugo:** Tá sim, tio. Enio é surdo. Quando estamos em pé um de frente para o outro, mesmo conversando com o senhor ou outra pessoa, eu vou gesticulando, para ele ir entendendo a conversa, mas assim, sentados dentro do carro, é meio inviável, mas ele está bem sim, queria muito vir para essa viagem.

**Juan:** Mas como foi mesmo a ideia de vocês virem para Parintins em período de festival?

**Náia:** a Professora Su, a mais linda entre as lindas. Hehehehe. Abre parênteses AQUUUUUUELA =D. Esse ano

decidiu que o tema da pesquisa seria Parintins e sua biodiversidade, e não tem como falar de Parintins sem falar do melhor boi de todos, CAPRICHOSO e dos outros dois... o festival é lindo e estamos aqui, juntando o útil ao agradável.

**Juan:** Mas ela deixa vocês viajarem assim?

**Hugo:** Iiiiiiih, tio! O senhor nem sabe, já tivemos altas aventuras, viajamos, fomos a Maués ver o guaraná, em Tefé ver as castanheiras, já falamos de açaí e de muitas outras coisas. Professora Su nos incentiva muito a aprender.

**Ian:** Vocês estão falando e falando, mas não quero ser mal educado... O que é “crueiras”?

**Juan:** Hehehehehe. Fritinhos de crueiras é como vocês chamam “filhós” em Manaus, o que muda são os ingredientes da massa, mas o princípio é o mesmo, uma massa gostosa frita. Comemos muito isso aqui em Parintins, no geral, crueira ou “fritinho”, que é mais popular, é feita de massa que sobra do Tipiti.

**Ian:** Olha, a gente sabe o que é um tipiti.

**Juan:** Uau, que bom. Pois bem, então conhecem o processo utilizado pelos agricultores para retirar a massa de mandioca que resulta em farinha, goma e tucupi, só que ainda podemos utilizar a crueira. Depois que a mandioca amolece na água é triturada, depois prensada no tipiti e por último peneirada na urupema (peneira). O que passa por isso tudo vira farinha e o que sobra e o que chamamos de crueira, usamos esse restante para fritar e comeremos, um bolinho frito com café, uma delícia, bem popular entre os ribeirinhos.

**Náia:** Parece gostoso. Se farinha é bom, essa crueira também deve ser.

**Juan:** Esse é o espírito de aventureiro. Estamos quase chegando.



## Capítulo 10

Ao chegarem, viram uma casa bem bonita em uma área toda colorida de azul. Enio arregalou os olhos e viu Megara sorridente ao lado de Naurú e Angatu. Todos riram felizes por ver seus amigos indígenas, já se fazia alguns meses desde a última viagem e todos estavam com saudades. Mesmo Naurú e Angatu tendo acesso à internet e conversando com os amigos via WhatsApp, todos tinham novidades para contar. Megara foi a primeira a abraçar todos. Não conhecia Ian e Enio, e foi logo acomodando os amigos ao redor da mesa.

Ao entrarem na casa havia muitas fotos na parede, Juan e Megara tinham 3 filhas e muitas recordações. A mais velha era advogada professora titular em Harvard, a do meio era professora da USP, Dra. em Fisioterapia e a mais nova acreditava que seria presidente, pelo que vimos, nada era impossível.

Todos os amigos ficaram maravilhados ao verem as fotos e Meg vinha contando o que tinha acontecido, mas o que mais Náia gostou foi do tamanho da mesa que estava posta para todos. Tinha fritadas, arepas, muito queijo e carne cortada, com café bem quentinho.

**Ian:** UAU! Que são essas coisinhas brancas?

**Juan:** São arepas, uma massa de milho que fritamos e depois recheamos, comida típica da minha cultura. Muito gostosa, geralmente eu gosto com queijo e com coco e leite condensado. Uma delícia.

**Angatu:** Que estava vendo o Hugo gesticular tudo para Enio. -Gesticula. - Na nossa tribo, gostamos também de comer com banana frita, amassamos e comemos ela recheada. =)

**Naurú:** Com Içá, fica uma delícia.

**Ian:** Içá?

**Naurú:** Tanajuras. – Sorrindo.

**Náia:** Criiiiiiiiiido! Formiga...

**Hugo:** Que já havia feito um passeio em Manaus do encontro das águas e havia conhecido uma tribo que disse que “tanajuras” foram consideradas como caviar por um escritor famoso, mas que não se recordava do nome.

**Megara:** Vamos antes que o café esfrie e depois vamos pegar os nossos passaportes.

Todos comeram felizes, conversando sobre a feira de matemática em que Enio e Hugo ganharam e talvez sejam chamados para defender o nacional. Os primos Naurú e Angatu contaram suas aventuras de caçadas e como estavam na escola, Náia já estava sabendo falar inglês e sempre disse que o seu sonho era ser bióloga, que nem a professora Su. O inglês ia ajudar nas publicações do futuro e Ian sempre dizia que iria jogar futebol, Barcelona que o espere. Juan e Megara estavam felizes por compartilharem aquele momento juntos de todos. Ambos professores adoravam o contato com pessoas novas, histórias e conhecimentos.

Ao saírem em direção à praça da catedral, Enio apontava para as pessoas andando de charretes presas a uma moto ou bicicletas e gesticula eufórico “Tuk Tuk”.

Hugo gesticula - ” Heheheh, sim, amigo, mas aqui eles se chamam de bicicleteiros.”

Enio gesticula – “E o que são esses bois?”



Náia gesticula e diz: ” Como sou torcedora do melhor boi, Caprichoso é o melhor de todos, sua marujada faz o inimigo estremecer, nossa história é a mais bonita, o azul é a cor que predomina, nos anos dos imperadores e reis, a cor azul era uma das mais difíceis de se obter, por isso o meu boi, em sua grandeza, tem a estrela azulada estampada com muito orgulho. Também tem o perrechê, o boi Garantido é o mais antigo e os seus foliões se orgulham disso, sua tradição segue em todos os anos, mas tem que evoluir. Olha pro Caprichoso, nós temos até guindastes agora. E, por último, o Campineiro que infelizmente não se apresenta mais, gerando assim uma rivalidade forte entre Caprichoso e Garantido.”

Angatu gesticula – “Uau! Eu não sabia que existia esse Campineiro.”

Enio gesticula – “Hehehehe. Eu não sabia de nenhum.”

**Megara:** Hugo, traduza para mim, por favor, para que os meninos entendam. A história de cada boi é única, mas a grandeza do espetáculo ocorre porque essa ilha é mágica, e sendo Caprichoso ou Garantido, os seus foliões querem brincar, se divertir. Mas Parintins é muito mais do que isso. Vocês sabiam que uma das primeiras colonizações de japoneses do Brasil foi para o Norte e principalmente em Parintins? Havia um interesse em particular do nosso governo em popularizar o norte do país e do governo Japonês em levar sua cultura para o mundo. Como isso deu certo? Pela magia da ilha.

**Náia:** E tem gente que diz que é ruim morar aqui porque a cidade fica vazia após o festival.

**Juan:** E isso é maravilhoso, pois não temos engarrafamentos e temos um povo feliz e próspero, pois na época do festival,

muitos alugam quartos e até suas casas, para que o ano inteiro possam viver bem até o próximo festival.

**Ian:** Uau. Bem que a professora Su disse que Parintins seria especial.

## Capítulo 11

Ao chegarem na praça da catedral, foram logo tomar um açaí bem gelado, vendido dentro do copo, e foram para a fila para pegar o seu passaporte.

Enio olhava todo maravilhado. As pessoas estavam na fila, em baixo do sol quente, e pão quente, mas todos estavam felizes. Enio olhou para Angatu e ambos sorriam, gesticulavam para os demais, “podemos sentir a vibração do som”, Juan ficou feliz por ver todos alegres.

**Juan:** Depois que concluirmos o passaporte, vamos almoçar na Coroa's peixaria.

**Náia:** Lá é bom?

**Megara:** Um dos melhores da cidade, e vive cheio, tem uma caldeirada maravilhosa.

**Naurú:** Adoro caldeirada.

**Náia:** Eu também, ainda mais quando colocam alguns ovos para cozinhar junto. MEEEEEEEEU Deus, fica muito bom.

**Juan:** Que bom que gostam. Vamos indo, está chegando a nossa vez.

Ao chegarem...

**Atendente:** Olá, me chamo Joice. Sejam bem-vindos à ilha da magia, todos vão tirar o passaporte?

**Ian, Angatu, Náia, Hugo, Juan e Meg:** SIIIIIIIM!

Hugo gesticula para Enio e Angatu, e ambos quiseram.

**Joice:** Ótimo. Para ganharem o prêmio final, todos têm que conseguir os 8 (oito) carimbos que estão espalhados em um circuito pela cidade para que possam conhecer todos os pontos. O primeiro fica no Turistódromo, o segundo fica aqui na Catedral de Nossa Senhora do Carmo, o terceiro no Bumbódromo, o quarto no Mercado Municipal Leopoldo Neves, o quinto na praça Digital, o sexto no porto de Parintins, o sétimo na igreja do Sagrado Coração de Jesus, e o oitavo na praça São Benedito.

**Ian:** Eita, são muitos.

**Joice:** Sim, para que todos possam conhecer a cidade e seus principais pontos turísticos, e é bom fazer logo, para poderem descansar, hoje teremos a festa dos visitantes e vai ser um festão, este ano teremos uma noite com muito pagode.

**Juan:** Obrigado, senhorita. Ok, vamos todos indo.

Ao percorrem todo o circuito, Ian e seus amigos já estavam cansados, para cada ponto que paravam, todos bebiam uma água de coco.

**Ian:** Uau, não imaginava que aqui era tão quente.

**Náia:** Deixa de ser mole, olha pra mim, eu tô linda e bela.

**Hugo:** Realmente aqui está muito quente, tia Meg, não lembrava de ser assim.

**Megara:** Hehehehe. A sensação térmica piora por estarmos em uma ilha, a umidade do ar está alta e o sol muito forte. Com isso, a sensação térmica piora, pode estar fazendo 34° graus, mas a sensação é acima dos 40°.

**Naurú:** Na tribo temos isso também, devido às árvores e a quantidade de folhas que caem, gera um processo e o ambiente fica quente e úmido.

**Náia:** Processo de estufa, a professora Su já nos ensinou isso. É muito comum no nosso ambiente tropical.

**Megara:** Sim, sim, se quiserem ao retornar, posso relembrar vocês. =)





## Capítulo 12

Ao voltarem para a praça da Catedral, todos foram com a atendente para recolher o seu prêmio, este ano todos ganharam bonés personalizados. Muito felizes desceram para a orla em busca da peixaria Coroa's, estavam com muita fome e exaustos.

Ao sentarem, Ian olha para Juan e pergunta...

**Ian:** Seu Juan, então, para fazermos a nossa atividade, precisamos saber sobre a cidade Parintins, seu meio de sustento, sua cultura, se cultivam algo, precisamos fazer um relatório para a professora Su.

**Juan:** Entendo. Bem, Parintins como peculiaridade, temos o festival dos dois bois, que tornou a cidade conhecida para o mundo. Este ano tivemos mais notoriedade, porque uma moça participou de um programa de TV. Assim, muitos brasileiros passaram a saber da existência do festival. Mas não ficamos só nisso, a nossa região é muito quente e úmida. Nas redondezas da ilha possuímos muitas várzeas. Vocês sabem o que é uma várzea?

**Hugo:** Sim, tivemos essa aula, são terra alagadas.

**Juan:** Exato. Para algumas culturas, como as orientais, esse tipo de terra alagada é muito boa para o cultivo do arroz, mas o nosso clima não é propício para isso, então temos plantações de juta, que é uma planta que se dá bem em áreas alagadas. Retiramos, botamos para secar e vendemos sua fibra, sendo utilizada em muitos aspectos: vestimentas, moradia e utensílios, gerando fonte de renda para muitos ribeirinhos.

**Náia:** Sim, na escola a professora Su até mostrou um exemplo de planta que parece juta, é o capim dourado, que se fazem lindas joias, como brinco que estou usando.

**Megara:** Esse brinco é realmente bonito, mas ao sairmos daqui, vamos passar nas barracas e comprar brincos de penas azuis, são lindos.

**Náia:** Adooooooro!

**Juan:** Temos também uma produção muito significativa de polpas como açaí, abacaxi, acerola, caju, cupuaçu, goiaba, graviola, maracujá, manga e taperebá, tudo isso são cultivos e vendido por famílias da comunidade, com o incentivo da UEA, pesquisadores junto dessas famílias podem progredir e ter um meio melhor de existência com o meio ambiente.

**Megara:** Temos também a criação de gado. Não chega a ser expressiva como grandes pecuaristas do Sul, mas garante o sustento de muitas famílias e um bom preço para o consumidor final no mercado.

**Ian:** Uau! Parintins, diferente de outras cidades que já visitamos, é cheia de surpresas, muito desenvolvida.

**Juan:** Sim, e o Ensino Básico tem se destacado, com alunos ingressando nas universidades públicas.

**Megara:** Também temos muitas áreas bonitas para se visitar, nossa ilha não é apenas várzea, temos também a praia de Aiapurapá, que muitos chamam de caribe parintinense.

Naurú gesticula toda a conversa para os amigos Enio e Angatu - “Essa praia eu e Angatu já conhecemos, realmente é linda.”

**Ian:** Uau! Como assim caribe?

**Megara:** Quando há a vazante das águas, se cria praias bonitas com areia bem branca, por isso o povo local chama ela assim.

**Naurú:** A senhora pode falar também do projeto de tartarugas que tem aqui pela área, na nossa comunidade já ouvimos falar.

**Megara:** Sim, bem lembrado. Temos aqui uma comunidade do Aninga, onde há aproximadamente 22 anos são feitas atividades para a preservação de várias espécies de quelônios. Sabem o que são quelônios?

**Ian:** Sim, tartarugas.

**Megara:** Isso mesmo. Na comunidade há um projeto chamado Pé-de-picha, no qual voluntários se dedicam para preservar o meio ambiente, garantindo um bom equilíbrio do meio ambiente e gerando muitas pesquisas.

**Náia:** Pesquisas?

**Megara:** Sim, esse projeto tem o apoio de universidades e dos moradores locais, ambos contribuem da melhor maneira para o meio ambiente.

**Ian:** Que incrível. Poderiam existir mais projetos assim, para ajudar o meio ambiente.

**Juan:** Sempre há, enquanto houver pessoas dispostas a fazerem a diferença, sempre haverá alguém que acredita. Olha, aqui mesmo em Parintins, temos o projeto “Recicla, Galera”, no qual voluntários reciclam o máximo possível após o festival. Ano passado tivemos uma média de 7 mil toneladas, hoje já temos eco pontos, para que a própria população possa estar descartando o seu lixo de forma correta.

**Atendente:** Olá, boa tarde, me chamo Cintia, como estão hoje? Tiveram um dia agradável?

**Megara:** Sim, minha flor, hoje foi o dia de batermos perna por aí.

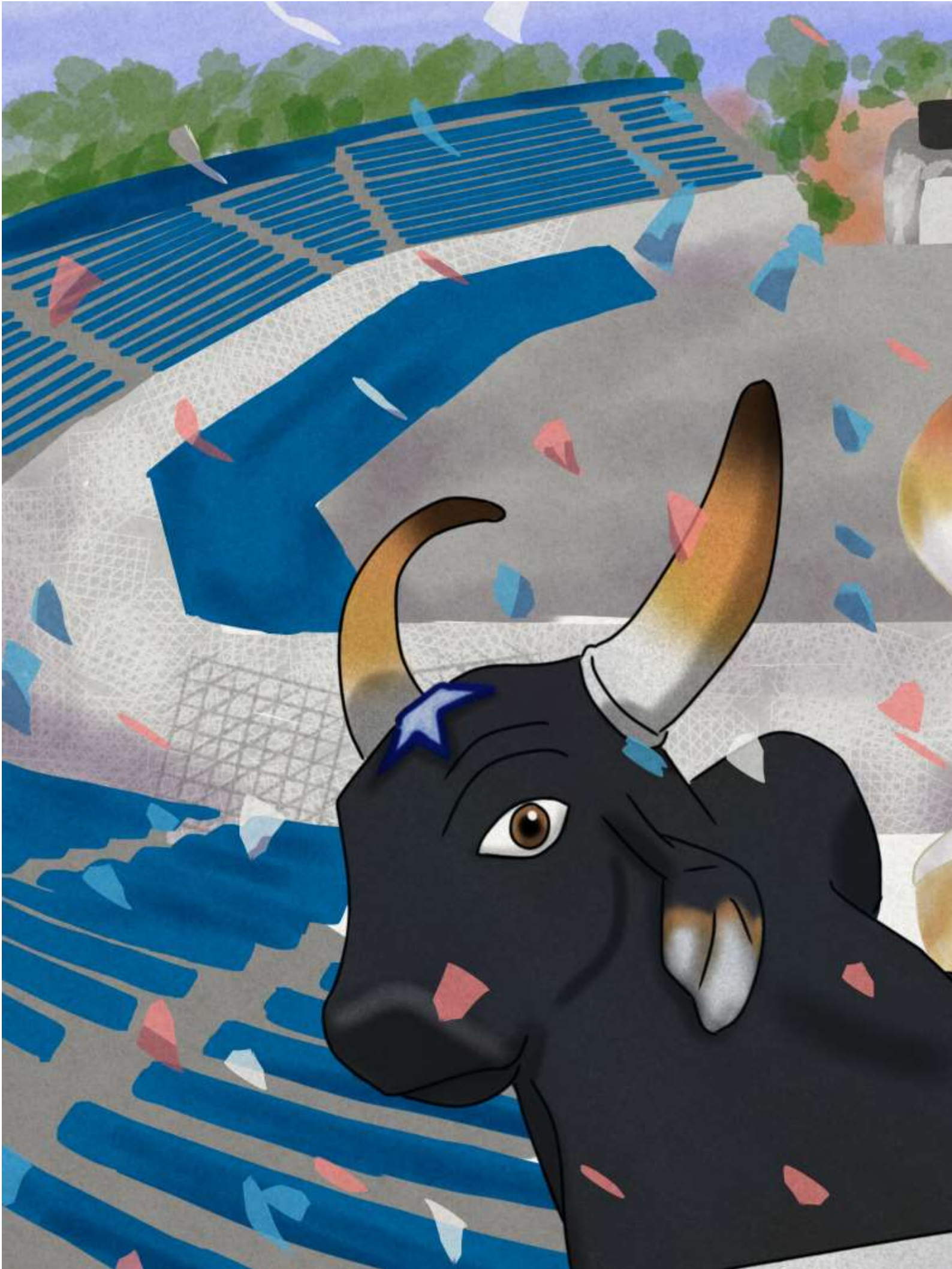
**Cintia:** Que bom! Todos vão comer o melhor peixe da ilha?

**Juan:** Claro, por favor, estamos famintos.

Ian, olhando para Naurú, pergunta se não há nenhuma lenda daquela região.

**Naurú:** Há muitas e algumas delas vão ser contadas no festival. Você está aberto para sentir? Porque com certeza vai aprender.

**Ian:** Sim, estou muito animado.





## Capítulo 13

Ao saírem do restaurante, foram nas feirinhas. Megara e Náia queriam comprar seus brincos e todos quiseram comprar camisas para assistir o festival caracterizados, afinal, aprenderam que quem entra na arquibancada para brincar com a galera tem que vestir a cor do seu boi. Aprenderam que o Bumbódromo é dividido em duas cores, e que cada boi se apresenta em duas horas e meia todas as noites. É sorteado quem inicia e quem termina a apresentação do dia. Muitos não percebem, mas podemos ver que a essa divisão até pela cidade, onde há determinadas áreas que são azuis e outras que são só vermelhas, mas que há muito amor envolvido nesta festa tão linda.

Ian e seus amigos se maravilharam com o evento. Naurú sempre animado em comentar sobre as lendas e ritos dos povos da floresta. No final, todos entenderam o porquê de ser chamado de a ilha da magia.



